

Participação de estudantes em debate como atração de programa de TV para jovens

Student participation in
debates such as during TV
shows for the youth

Vânia Lúcia Quintão Carneiro

Universidade de Brasília - vania@unb.br

Resumo

Um programa de TV para jovens em um canal legislativo é atrativo a esse público? Para responder essa questão, o propósito desse trabalho é analisar o programa *Câmara Ligada*, da TV Câmara, com o objetivo de destacar em quais condições a participação de estudantes jovens no debate ativa o interesse de outros jovens em assisti-lo. Este estudo baseia-se no entendimento de debate cultural em Charaudeau e Ghiglione (1997) e de diálogo em Bakhtin (1992). Foi realizado com dois grupos de estudantes, sendo o primeiro com 16 jovens em 2011 e o segundo com 34 em 2012. A análise enfocou a temática e os participantes dos debates – os jovens no auditório, convidados, banda e a apresentadora – em interação verbal. Conclui-se que a participação ativa dos jovens – que se dá por meio do diálogo cotejado por distintos pontos de vista e saberes, em que eles alternam a posição de ouvinte e de locutor – é a atração maior.

Palavras-chave: Participação de estudantes. Programa televisivo para jovens. Debate cultural. Diálogo.

Abstract

Is a TV show for young people in a legislative channel attractive enough? In order to respond to this question, the aim of this study is to analyze the program *Câmara Ligada* (House in Tune), of Câmara TV, so that we can highlight the conditions in which students participate in debates leading to more interested young students. This study is based upon the understanding of cultural debate in Charaudeau and Ghiglione (1997) and dialogue in Bakhtin (1992). It was done with two groups of students, the first one with 16 young adults in 2011 and the second one with 34 in 2012. The assessment was focused on the theme line and participants in the debate – the youth in the auditorium, guests, the band and the host – in verbal interaction. We conclude the active participation of the youth in the debate – which happens by means of the dialogue filled with distinct viewpoints and knowledge, in which they take the position of listener and speaker – is the major attraction.

Keywords: Participation of students. Youth TV program. Cultural debate. Dialogue.

I ntrodução

Este artigo analisa o programa Câmara Ligada, da TV Câmara, buscando apreender as condições em que participação de jovens¹ pode tornar os debates de temas tão diversos como culturas juvenis, redes sociais, cotas sociais, sustentabilidade... e política, interessantes de serem assistidos por outros estudantes jovens.

Na sociedade contemporânea, para captar a atenção dos jovens, os canais de televisão – além da tradicional concorrência com as demandas da vida social fora de casa, que parecem mais atrativas a eles (MORDUCHOWICZ, 2008; FUENZALIDA, 2006) – enfrentam a intensificação de interações culturais, tecnossociais, políticas, nas redes digitais e nos espaços públicos.

Nessa cultura da convergência, o estímulo à participação de jovens na mídia tem-se referido a inúmeras e distintas atividades (VIVARTA, 2011; CARLSSON, 2006) envolvendo produção, distribuição e seleção de conteúdos (JENKINS, 2009). Entre as várias promessas atribuídas à participação na TV, a democratização da televisão tem sido comum apesar das barreiras que vão desde o “controle corporativo sobre propriedade intelectual” a outros fatores como culturais que tornam desiguais as oportunidades de participação (JENKINS, 2009, p. 342).

O entendimento da participação ativa de adolescentes implicando o influenciar “processos, decisões e atividades” (UNICEF, 2001, p.11) torna mais complexa a sua viabilização e ressalta a sua não trivialidade. Nesse sentido, fazer ouvir as vozes das crianças e adolescentes nas diversas mídias subordina-se às “condições estruturantes e do envolvimento dos diversos atores sociais” (VIVARTA, 2011, p. 42).

A abertura dos canais da televisão brasileira à participação de telespectadores em programas de maior audiência, opinando sobre o desfecho de produtos/obras de teledramaturgia ou quanto à eliminação de personagens de *reality show* apresenta débil participação (CARRANO, 2012, p. XX). A análise da relação entre jovens, espaço público e programas de entretenimento da televisão comercial inseridos na lógica do espetáculo, do “político como show” mostra a ascendência da linguagem da emoção,

da valorização da intimidade na construção de jovens e adolescentes como sujeitos políticos (FISCHER, 2003) revelando passividade.

Novas pesquisas nas interfaces entre espaços virtuais e educativos/escolar buscam responder como crianças, adolescentes e jovens experimentam a cidadania democrática, que significados surgem do espaço público, da política e da participação (BUCKINGHAM; MARTÍNEZ, 2012). Na literatura atual sobre a participação juvenil predominam as percepções de que os jovens não participam ou participam numa nova perspectiva. Embora os jovens pesquisados demonstrem desprezo pelas formas tradicionais de fazer política, prestam atenção às questões sociais veiculadas pela televisão, discutidas em espaços familiares e escolares (MINAYO; BOGHOSSIAN, 2009).

A participação social e política juvenil não se limita à filiação a grupo político ou social, não se reduz a um fim em si mesma, é meio para algo maior e apresenta formas variadas. Ideias e causas defendidas são o que mais motiva jovens militantes de vários países a participar (ROSSI, 2009). Nesse sentido, entre os jovens brasileiros, desigualdades sociais constituem motivação, assim como a crítica ao fazer político vigente encontra ressonância (CASTRO, 2008). Há uma tendência em aderir a ações coletivas que lhes permitam controlar os processos decisórios e cujos resultados estejam num futuro próximo (CARRANO, 2012).

Em setembro de 2006, estreou o programa Câmara Ligada com o desafio de constituir-se em espaço de participação efetiva de jovens no debate de temas que os envolvem e os preocupam e de forma de forma não superficial nem maçante. Fundamentou-se na pesquisa da Agência de Notícias da Infância – Andi, com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef, que analisou linguagem, conteúdos e participação de adolescentes em dez programas de oito emissoras públicas e privadas (VIVARTA, 2004). Em dezembro de 2006, o programa Câmara Ligada recebeu o selo ER (Especialmente Recomendado) do Ministério da Justiça, o que indica tratar-se de obra educativa e informativa que promove o respeito à diversidade, aos direitos humanos, à cultura de paz e à cultura regional.

O Câmara Ligada, por se tratar de um programa de televisão centrado na discussão de um determinado tema com convidados em torno de uma apresentadora,

qualifica-se como sendo de “debate”. O debate é um gênero fundamental na televisão baseado no diálogo e que se apresenta sob diferentes formas, como o “debate cultural” e o *talk show* (CHARAUDEAU, 2006, p. 218). Ao contrário do *talk show* que se organiza direcionado a fazer emergir o conflito/drama humano e transformá-lo em espetáculo, o debate televisivo cultural é aqui entendido como uma forma organizada de diálogo visando à “problematização” da temática e à sua “compreensão”, por meio da confrontação de saberes diferentes sobre o tema (CHAREAUDEAU; GHIGLIONE, 1997, p. 96-97).

Este trabalho indaga: em quais condições o debate no programa Câmara Ligada – entre jovens estudantes no auditório, convidados debatedores e uma banda, coordenado por uma apresentadora – pode despertar o interesse de outros jovens estudantes em assisti-lo pela TV ou em vídeo pela internet?

Para examinar as condições em que o debate pode constituir-se uma atração, realizou-se uma pesquisa com estudantes universitários (licenciaturas, comunicação e pedagogia), a maioria na faixa de 17 a 22 anos, organizados em dois grupos, o G1 (16 estudantes), reunido em 2011, e o G2 (36 estudantes) em 2012. Cada grupo selecionou um programa a discutir e os estudantes individualmente responderam, por escrito, a questões relacionadas à participação de jovens no programa – se os jovens estão com a palavra, de que gostaram ou não, mudanças a sugerir; e se o assistem e se já participaram dele.

Considerando o visual ancorado no verbal em programas de auditório (ROCCO, 1989) e o debate televisivo caracterizado pela tendência de estar a serviço do diálogo, esta análise centra-se nos elementos da encenação verbal do debate: temática, participantes e gestão da palavra, incluindo a organização (CHARAUDEAU; GHIGLIONE, 1997), tendo como eixo o diálogo apoiado em Bakhtin (1992). Pressupõe-se que a participação ativa do jovem no diálogo implica a manifestação fônica da sua resposta, que decorre da compreensão, o que lhe possibilita alternar com os convidados a posição de ouvinte e de locutor (BAKHTIN, 1992).

A seguir, apresentam-se as três partes que compõem esta análise: 1) Sobre o programa e o desinteresse pelo canal legislativo, seguida pelas análises do ponto de vista dos jovens dos debates; 2) O debate sobre participação política dos jovens (2011);

3) O debate sobre as cotas sociais (2012). As considerações finais confrontam essas análises e concluem o artigo.

1. Sobre o programa e o desinteresse pelo canal legislativo

Em 2011, apesar da comemoração de cinco anos de existência do programa, o que mais chamou atenção foi o fato de apenas dois participantes do G1 saberem da existência do Câmara Ligada. As respostas da maioria giraram em torno da não divulgação: “nunca ouvi falar”, “não conhecia”; e do canal em si: “este canal não me atrai”. Em resumo, como declara um dos entrevistados: “Eu assisto muito pouco à televisão hoje em dia e, geralmente, quando passo pela TV Câmara, está passando sessão plenária ou qualquer outra coisa do tipo que não me interessa muito” (BRI, G1, 2011). Houve também relato de dificuldades de acesso ao canal para assistir ao programa. Tais dificuldades precederam as críticas relacionadas ao programa em si.

Em 2012, esse mesmo desconhecimento e desinteresse se repetiu junto ao G2. Apenas três sabiam da existência do programa, devido à participação, no auditório, de algum colega ou amigo ou familiar. É que os integrantes de ambos os grupos, em sua maioria, fizeram o ensino médio no Distrito Federal, quando o Câmara Ligada já existia e convidava estudantes e (alguns grupos universitários) para a participação no auditório.

A justificativa para esse desinteresse pode estar relacionada à característica arredia da audiência de jovens devido, entre outros fatores, à existência de variadas opções midiáticas ou não que dispõem (MORDUCHOWICZ, 2008; FUENZALIDA, 2006). Os jovens constituem uma audiência complexa, exigente. Tendem a valorizar a crítica humorada, a exemplo do programa *Custe o que custar* – CQC (FUENZALIDA, 2006).

No G1 (2011), 80% dos adolescentes e jovens entrevistados declararam a preferência pelo programa CQC. A explicação dada está no uso do humor para criticar principalmente os políticos: “O CQC tem umas piadas bastantes críticas e inteligentes e mostra para os jovens, de maneira bem descontraída, o descaso de muitos políticos

pelo povo e a forma com que ele é apresentado e “ministrado” é bem atraente para o jovem” (AMA, G1).

Essa preferência revela também certa inquietação e insatisfação de jovens brasileiros com a atuação dos políticos. A frequência de escândalos envolvendo políticos contribui para o desencanto de cidadãos com as práticas de representação, a indignação com a falta de ética, com o oportunismo político e, conseqüentemente, desinteresse pelo canal identificado como de políticos. Pesquisas como a da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco (2004) já constatavam uma descrença dos jovens em relação a instituições políticas e apontavam para uma demanda por participação (CASTRO, 2006).

Quanto ao formato, o Câmara Ligada apresenta certo hibridismo devido à mistura de *show* musical, reportagem e debate. Caracteriza-se como um programa de auditório pela presença de jovens estudantes, principalmente de escolas do ensino médio do Distrito Federal, com direito a participação por meio de intervenções e perguntas. Cabe a uma banda abrir o programa com uma apresentação e, depois, participar do debate. Há ainda um grupo de dois a cinco convidados debatedores: professores, deputados, especialistas e outros atores sociais que possuem algum tipo de aproximação com o tema em foco. Uma apresentadora controla a palavra. Uma reportagem sobre o tema é gravada anteriormente, com informações e questões previamente pesquisadas. De um modo geral, esse formato variado do programa parece agradar aos jovens pesquisados.

A palavra é dividida entre os convidados (incluindo os entrevistados dos vídeos mostrados durante o programa) e a plateia. Inclusive, acho que essa é uma das qualidades que gostaria de ressaltar no programa, por conta dessa diversidade de respostas e de olhares, o conteúdo do programa se torna interessante e rico (ALI, G1).

A delimitação do formato do Câmara Ligada não implica que a linguagem do programa esteja pronta. Diferenças entre um programa e outro, com avanços ou recuos, podem ser observadas desde as *performances* de convidados ao nível de participação dos jovens. Há reuniões semestrais para levantamento de temas a serem abordados, com a participação de um grupo de jovens. Também um grupo de

especialistas² participa das discussões sobre temas e faz avaliação. Contudo a escolha final da abordagem e dos convidados cabe à equipe de produção formada por servidores da TV Câmara, incluindo a apresentadora.

A transmissão do programa Câmara Ligada não se dá em tempo real, o que possibilita a intervenção da equipe de produção no conteúdo durante a edição, mas, por outro lado, os telespectadores ficam impossibilitados de intervir quando ele é exibido (MACHADO, 2000). A transmissão não direta do programa foi questionada por jovens que defendem a inclusão de telespectadores que, como eles, gostariam também de participar do debate no ar, o que é inviabilizado pelo fato de o programa ser gravado, portanto não transmitido em tempo real.

Seria interessante se o público de casa também pudesse participar do programa através de e-mails, telefones. Essa seria uma forma de usar a tecnologia a favor do programa, fazendo com que o público que assiste ao programa também possa (na medida do possível) tirar suas dúvidas, expor suas opiniões e participar dos debates do programa (FER, G1).

Acredito que os telespectadores também poderiam fazer perguntas (JES, G1).

2. O debate sobre participação política dos jovens

O G1 assistiu a dois programas com tema sobre a participação de jovens e política: “A participação dos jovens na política” (2010) e “A participação política dos jovens”³ (2011). Diante da opção de indicar qual programa gostaram mais, embora tenham apreciado bastante o primeiro, que também tratava de política, optaram, por unanimidade, pelo segundo, pelo fato de o tema se relacionar a ações em que os jovens são protagonistas, o que lhes desperta mais interesse em debater. A diferença fundamental entre esses dois programas que envolviam a temática da política deve-se ao fato de que o primeiro relacionava-se ao contexto das eleições nacionais, com ênfase nos parlamentares. Buscava-se saber “o que os jovens querem dizer para os políticos”, “o que precisa mudar na política”.

No segundo programa escolhido para a análise, o tema “política”, novamente abordado, não incluía o contexto eleitoral do primeiro, mas as várias manifestações de jovens que ocupavam as ruas das cidades brasileiras, como a marcha contra a corrupção, a marcha pela educação, a marcha das vadias, a marcha da maconha. Observa-se no caso uma ampliação do entendimento sobre política e seus agentes. Antes restrita a partidos, sindicatos, movimentos sociais tradicionais, passa a contar com o protagonismo dos jovens por meio da cultura participativa em construção nas redes sociais:

Achei o tema desse programa mais atual, mais interessante do ponto de vista jovem, trouxe uma realidade em que os jovens estão inseridos e na qual eles podem se posicionar, pois com o avanço da tecnologia e das redes sociais os jovens estão se mobilizando mais, o que acho uma coisa mais interessante de ser debatida (ALI, G1).

Gostei mais do tema desse programa, pois achei superatual eles falarem do tipo de movimentação política que os jovens têm feito contra a corrupção (AND, G1).

A constatação surpreendente foi o questionamento à participação da banda Star e a importância dada a ela no debate. Neste programa do quinto aniversário (2011) houve crítica generalizada e implacável à banda Start, dirigida tanto à música, às letras, quanto à participação desmotivada e despreparada, no debate, de um dos seus membros. Para esses jovens, a atração estava no próprio debate, que foi prejudicado por ceder espaço à banda, que não parecia ter fãs entre eles.

Os piores: a banda! No final do programa, quando o debate estava mais interessante, foi encerrado para dar espaço para a banda, que nada agregou. Se quiserem show baixem vídeos de show (CLA, G1).

Letras das músicas machistas, músico pareceu sem interesse pelo assunto ou não sabia como responder a pergunta da plateia (CAS, G1).

Foi a participação que menos gostei. Eles, como jovens, não mostraram muito interesse sobre o assunto abordado (FER, G1).

Eles simplesmente deram o exemplo perfeito de falta de educação formal. Detestei tudo neles (BEA, G1).

Essa crítica à banda, pela sua não contribuição ao debate, revela limites dessa cultura dos jovens como o eixo de atração do programa, embora essa cultura seja importante para melhor compreender os jovens e suas formas de participação (REGUILLO, 2003). Os espaços desse mundo cultural apresentam um caráter mais democrático, até mesmo porque outros espaços sociais estão fechados, principalmente para os mais pobres (DAYRELL, 2003).

Quanto ao debate, houve muitos elogios à participação ativa dos jovens do auditório evidenciando a admiração despertada.

Acho que a troca que existe entre a plateia e os convidados faz com que o programa se torne interessante. O momento das perguntas dos jovens para mim é o mais interessante (RAY, G1).

Os jovens participaram bastante. Achei legal quando uma estudante falou que não é só porque teve marcha que os jovens estão se movimentando, eles se movimentam já tem tempo, só não era divulgado, valorizado (BAR, G1).

Quando os jovens participantes expõem suas ideias, vemos que existem jovens que realmente buscam informações para poder lutar pelos seus direitos como cidadãos. E acabamos por tomá-los como exemplo (DAY, G1).

Quanto aos convidados, os elogios relacionaram linguagem acessível à atenção às perguntas dos jovens, à alternância entre ouvintes e locutores. Destacaram no comportamento do deputado um maior entrosamento, sem que ficasse despercebido o lado tradicional de “político”.

Gostei das colocações deles (convidados), em linguagem bastante acessível. (DAY, G1).

Era muito “certinho”. Político-perfeito. Em outras palavras, político parlamentar mesmo. (BEA, G1).

Soube se esquivar bem dando argumentos válidos. (ALI, G1).

Em relação à atuação da apresentadora, em geral, considerada competente e neutra, apontaram o posicionamento como favorável ao deputado.

Acho que ela direcionou bem o programa, mas deu algumas respostas como se estivesse falando pelos deputados. (DAR, G3).

Apresentou neutralidade, mas em alguns momentos ela pareceu defender os deputados. (ELI, G3).

Nesse programa a elevação do nível de participação dos jovens se evidencia pelo papel que suas perguntas passaram a desempenhar no direcionamento do debate. Chamou a atenção, ainda, a pertinência também de seus comentários.

Foi através das contribuições e perguntas dos jovens que o debate foi tomando o seu rumo (ALI, G1).

Cada pergunta não era apenas respondida diretamente, como comentada. Não só as perguntas, mas também os comentários de alguns jovens foram muito bons (DAY, G1).

Achei que foi mais guiado pelas perguntas feitas pela plateia, que não necessariamente ficou ligada diretamente com o tema política (THU, G1).

Achei o programa muito interessante e gostei muito de assistir, só mudaria no aspecto de que os próprios participantes do auditório poderiam também responder as perguntas (sem deixar que virasse bagunça). (PAL, G1).

O protagonismo dos jovens nas mobilizações tornou possível a apropriação também da palavra no debate. O diálogo ocorreu com os jovens alternando a posição de locutor e ouvinte, expressando sua compreensão (BAKTHIN, 1992) das mobilizações e da problemática que envolve o tema.

Paralelamente à defesa dessa intensificação da participação, incluindo os jovens na posição de responder, há de se ressaltar uma preocupação com a preparação deles para assumir tal responsabilidade. Para tanto, a educação apareceu como necessária:

A participação dos jovens foi de fundamental importância para o desenvolvimento do programa, mas acredito que no programa Câmara Ligada poucos realmente tinham uma noção mais clara do que tratava o tema. Isso só causa a certeza de que realmente o Brasil necessita de um socorro urgente no que condiz à educação, mesmo que haja a clara percepção de que os jovens estão “menos” inconscientes e mais

participativos, mesmo que participem sem saber exatamente o motivo (BEA, G1).

Esse alerta para a importância da formação por meio dos estudos, tem o intuito de alcançar uma participação mais efetiva e consciente de mais jovens e reforça exigências da marcha pela educação. Vale destacar que a construção de competências juvenis, segundo a Unicef (2001), é uma das exigências para a promoção efetiva da participação dos estudantes, ao lado da ampliação de oportunidades de participação.

3. O debate sobre Cotas na Universidade

O G2 assistiu a dois programas: “Sustentabilidade” e “Cotas na Universidade”⁴. Embora tenham considerado as duas temáticas relevantes, a maioria dos 36 estudantes, 22 (61,11%), preferiu o tema das Cotas para analisar. Havia sido recém-aprovada a Lei Cotas Sociais e Raciais que determina a reserva da metade das vagas das Universidades e Institutos Federais de Educação, para alunos oriundos de escola pública e com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo e meio, além de negros, pardos e índios.

A preferência pelo tema das cotas sociais demonstra o interesse em discutir sua política e suas implicações sobre a vida acadêmica de estudantes jovens, seja facilitando ou dificultando a disputa por uma vaga e a questão da igualdade social. Em geral, os motivos declarados revelaram grande interesse em compreender melhor a Lei, a polêmica em torno dela, suas justificativas e implicações sociais.

Precisamos entender o que é a Lei de Cotas Sociais e o porquê de sua existência (MON, G2).

O programa de cotas envolve mais a questão da desigualdade social que acho que atualmente é o que mais fere os brasileiros (ALA, G2).

É um assunto interessante, necessário e precisa ser mais bem explicado. Muita gente, inclusive na plateia, demonstrou não compreender as políticas públicas referentes às cotas. Parece que

assustam alguns jovens, com relação às dificuldades de aprovação nos vestibulares (XAZ, G2).

Me identifiquei mais com o tema das cotas, porque sou negra, embora não cotista, mas acredito que esta ação afirmativa seja um começo para equiparação social e educacional (CAM, G2).

A Banda Serjão Loroza & Us Madureira foi considerada uma atração. A música agradou, o vocalista foi elogiado por sua descontração e humor. A crítica centrou-se na falta de envolvimento maior da banda com o debate, apesar do interesse do vocalista de participar da discussão. O trabalho dos músicos foi muito elogiado, mas faltou melhor gestão da apresentadora para integrá-los ao debate.

Me identifiquei com esse programa, começando da banda, que se propôs a responder questões da plateia e também pelo vocalista fazer parte da discussão (ALA, G2).

Um ponto negativo da banda é o fato dela estar totalmente desconectada com a discussão proposta pelo programa. O ponto positivo é o entretenimento, o momento cultural proporcionado ao programa (TAL, G2).

Música boa, mas não consigo relacionar com as cotas (HEL, G2).

Apesar de ter havido a participação dos jovens no debate, houve discordância quanto à influência que eles tiveram no direcionamento da discussão. Para alguns, a participação jovem limitou-se a perguntas que eram bem respondidas, mas previsíveis e sem espaço para réplicas. O pouco interesse despertado pelo debate ficou visível na desatenção dos jovens.

Não influenciou os rumos do debate. A participação foi pequena e pouco relevante. As perguntas pareciam já formuladas e prontas. Os jovens apenas as reproduziam, se mostravam sempre conversando, sorrindo e pouco atentos ao que está sendo falado (ROM, G2).

Influenciou, porém, poderiam ter rebatido as respostas. Eles deveriam ter participado mais, pois este é um assunto polêmico, em que é necessário entender todas as vertentes para assim poderem se posicionar frente a esta discussão de forma positiva e não apenas por achismo (KAU, G2).

Mesmo com os jovens participando do programa, não houve influência, pois os discursos direcionados para a defesa de cotas raciais já estavam preparados para o programa (REN, G2).

Quanto aos convidados, embora não tenha havido críticas a nenhum deles em particular e vários elogios à competência teórica e comunicativa da professora, houve críticas quanto ao ponto de vista único. Todos os convidados compartilhavam o mesmo ponto de vista de defesa da política das cotas. Daí que, embora tenha havido aprofundamento do tema, foi de uma forma unilateral, e deixaram de debater outras opiniões e argumentações. O alvo das críticas centrou-se indiretamente na instância responsável por sua produção e gestão.

Promover debate sobre temas abordados com as mais distintas opiniões (TAL, G2).

Sou de opinião que deveria haver pessoas com ideias diferentes, ou seja, que houvesse pessoas com vários entendimentos sobre o assunto apresentado (JOS, G2).

A participação maior da plateia já dinamizaria bem o debate, mas acredito que a participação de convidados com posições divergentes sobre os temas em pauta também seria mais estimulador da dinâmica nos debates (ROM, G2).

Assim, coube à equipe de produção a principal crítica quanto a esse programa, uma vez que, ao selecionar os convidados, requisitaram pessoas de mesmas tendências, impossibilitando a participação mais ativa dos estudantes na comunicação, no diálogo.

Considerações finais

Confrontando as análises apresentadas do ponto de vista dos grupos de adolescentes e jovens observam-se que as condições necessárias para um debate atrativo delineiam-se das temáticas ao papel estruturante do diálogo na constituição do programa. Desse modo, uma mesma temática como a participação jovem e política torna-se mais atrativa quando os protagonistas das iniciativas políticas representadas

são adolescentes e jovens fora de espaços tradicionais como dos partidos políticos. O que reforça a tendência apontada por estudos do desinteresse dos jovens pela política partidária e de novas perspectivas de participação política (MINAYO; BOGHOSIAN, 2009).

Também a temática de cotas sociais na universidade, cujos efeitos imediatos e diretos podem afetar os estudantes universitários e os do ensino médio e dizem respeito à questão da igualdade social, foi considerada relevante, mas os estudantes participantes da pesquisa esperavam que fosse debatida sob diversos pontos de vista abarcando tensões e conflitos. Assim, as preferências dos grupos de adolescentes por essas temáticas sinalizam seus interesses em discutir questões que os inquietam, causas que os mobilizem, assim como ações de que participam influenciando seus processos e direções (ROSSI, 2009; CASTRO 2008; CARRANO, 2012).

Destaca-se, na discussão do tema da participação política jovem relacionada às mobilizações protagonizadas por jovens, a conquista do direcionamento do debate no programa por jovens no auditório. Nesse diálogo, os jovens alternaram a posição de ouvinte e de falantes e manifestaram suas compreensões (BAKHTIN, 1992) sobre a problemática envolvida no tema. Essa participação ativa de adolescente e jovem influenciando o desenrolar do debate direcionando-o, foi, por unanimidade, apontada como a maior atração do programa de 2011, despertando admiração e interesse e sugestão para a intensificação dessa situação. A posse da palavra para replicar, responder, comentar, parece facilitada pelas experiências dos jovens, por meio de atuações sociais culturais e políticas relacionadas ao tema.

Enaltecendo a posição dos jovens de protagonistas na comunicação verbal, eles revelaram, por meio da crítica à participação desmotivada da banda ao debate, limites dessa cultura musical jovem no sentido de garantir participação relevante de seus membros na discussão. Por outro lado, mostraram que o debate pode ser mais atrativo que o minishow musical da banda. Nessa perspectiva, houve a valorização da educação formal, da escola, no sentido de uma preparação para facilitar a participação ativa de maior número de jovens no debate. O que não significa a transformação do programa em espaço de aula, em exposição didática com ponto de vista único, por mais brilhante que o expositor seja. Tampouco não se reduz à realização esporádica de uma

discussão prévia sobre o tema a ser tratado no programa, que tem sido a atividade de preparação recomendada à escola pela produção de programas de auditório (VIVARTA, 2011). O que demonstra a importância do papel da educação de fórum da cultura para (re)negociar significados e elucidar ações (BRUNER, 2004).

No debate sobre cotas sociais, limitado a convidados debatedores com um mesmo posicionamento, evitou-se a polêmica e se instaurou um discurso explicativo. Esse tipo de discurso não requer diálogo (BAKTHIN, 1992). A participação dos estudantes restringiu-se à posição de ouvir/perguntar com perguntas previsíveis que, embora ouvidas e bem respondidas pelos debatedores, não configuraram uma participação ativa.

Verificam-se exigências apresentadas quanto à organização do debate, de modo que o tema seja problematizado sob vários pontos de vista, quanto à gestão da palavra, de modo a não favorecer a parlamentares e quanto à transmissão, de modo a abrir o programa à participação também dos jovens espectadores. Quanto à escolha de convidados, destacam-se as seguintes condições:

- Disposição de ouvir os jovens não apenas suas dúvidas.
- Terem envolvimento com a temática por meio de experiências culturais, estudos, atuação política.
- Serem possuidores de competências para aportar saberes visando facilitar maior compreensão, pelos jovens, do tema e de sua problemática.
- Apresentarem, em conjunto, pluralidade de pontos de vista.

Por fim, fica o desafio para que o direcionamento do debate por jovens seja o nível de participação em programas televisivos a continuar a ser ativado. Não que jovens passem a ser donos da verdade, tampouco os convidados o sejam, mas para que se instaure o diálogo, alternando-se as posições de locutor e ouvinte, envolvendo significações e saberes sobre o tema em questão e assim coproduzam cultura e atraiam outros jovens a participar.

Referências

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude. In: FAVERO, Osmar et al. (Org.). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: MEC-Unesco, 2006, p.73-90.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-368.

BRUNER, J. *Realidad mental y mundos posibles*. Barcelona: Gedisa, 2004.

BUCKINGHAM, D.; MARTÍNEZ, J.B. (2013). Jóvenes interactivos: nueva ciudadanía entre redes sociales y escenarios escolares. *Comunicar*, n.40, p.10-14. (DOI: 10.3916/C40-2013-02-00). Disponível em: < <http://www.revistacomunicar.com/pdf/comunicar40.pdf> >. Acesso em: 20 abr. 2013.

CARLSSON, Ulla. (Ed.). *Regulacion. Awareness, Empowerment. Young people and harmful media content in the digital age*. The International Clearinghouse on Children, Youth and Media; NORDICOM; Göteborg University, 2006.

CARRANO, Paulo. A participação social política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. *O social em questão*, ano XV, n. 27, 2012. Disponível em: < http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf > Acesso em: 10 jan. 2013.

CASTRO, Mary Garcia. *Juventude e participação: perfil e debate*. 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_321.pdf > Acesso em: 20 jun. de 2007.¹

CASTRO, Lúcia Rabello de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun.2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v16n30/15.pdf> >. Acesso em 13 nov. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; GHIGLIONE, Rudolph. *A palavra confiscada: um gênero televisivo: o talk show*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, set./out./nov./dez. 2003.

FISCHER, Rosa Maria. Videopolítica e experiência: ferramentas para investigar mídia e juventude. *Anped* 26, 2003. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/rosamariabuenofischer.rtf>. Acesso em: 22 jan. 2010.

FUENZALIDA, Valério. *Expectativas educativas das audiências televisivas*. Bogotá: Norma, 2006.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MACHADO, Arlindo. *A TV levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 411-423, 2009.

MORDUCHOWICZ, Roxana. A educação como prática cultural. In: VIVARTA, Veet. (Coord.). *Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes*. São Paulo: Cortez, 2004.

MORDUCHOWICZ, Roxana. (Coord.). *Los jóvenes y las pantallas: nuevas formas de sociabilidad*. Buenos Aires: Gedisa, 2008.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 103-118, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2012.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROSSI, Federico. *La participación de las juventudes hoy: la condición juvenil y la redefinición del involucramiento político y social*. Buenos Aires: Prometeo, 2009.

UNITED NATIONS CHILDREN`S FUND (UNICEF). *The participation rights of adolescents: a strategic approach*. Working Paper Series, Programme Division. New York, 2001. Disponível em: <http://www.unicef.org/adolescence/files/Participation_Rights_of_Adolescents_Rajani_20101.pdf> Acesso em: 28 ago. 2011.

VIVARTA, Veet. (Coord.). *Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes*. São Paulo: Cortez, 2004.

VIVARTA, Veet. Participação de crianças e adolescentes na produção de conteúdos midiáticos. In: *Infância e comunicação: referências para o marco legal e as políticas públicas*. Brasília, DF: Andi, 2011. Cap. 4, p. 44-54.

¹ O termo “jovem”, aqui, abrange sujeitos na faixa etária aproximada de 14 a 24 anos. A concepção de “jovem”, no entanto, não se restringe a esta delimitação etária.

² Formado por representantes da Unesco, Andi e Sesc e pela autora.

³ Programa de aniversário de cinco anos, “A participação política dos jovens”, com animação da banda Start, estreou na TV Câmara em 7 de outubro de 2011.

⁴ “Cotas na Universidade” foi ao ar em 09 de novembro de 2012, com a participação da banda Serjão Loroza & Us Madureira.

Submetido em 14/11/2013 e aprovado em 13/08/2014